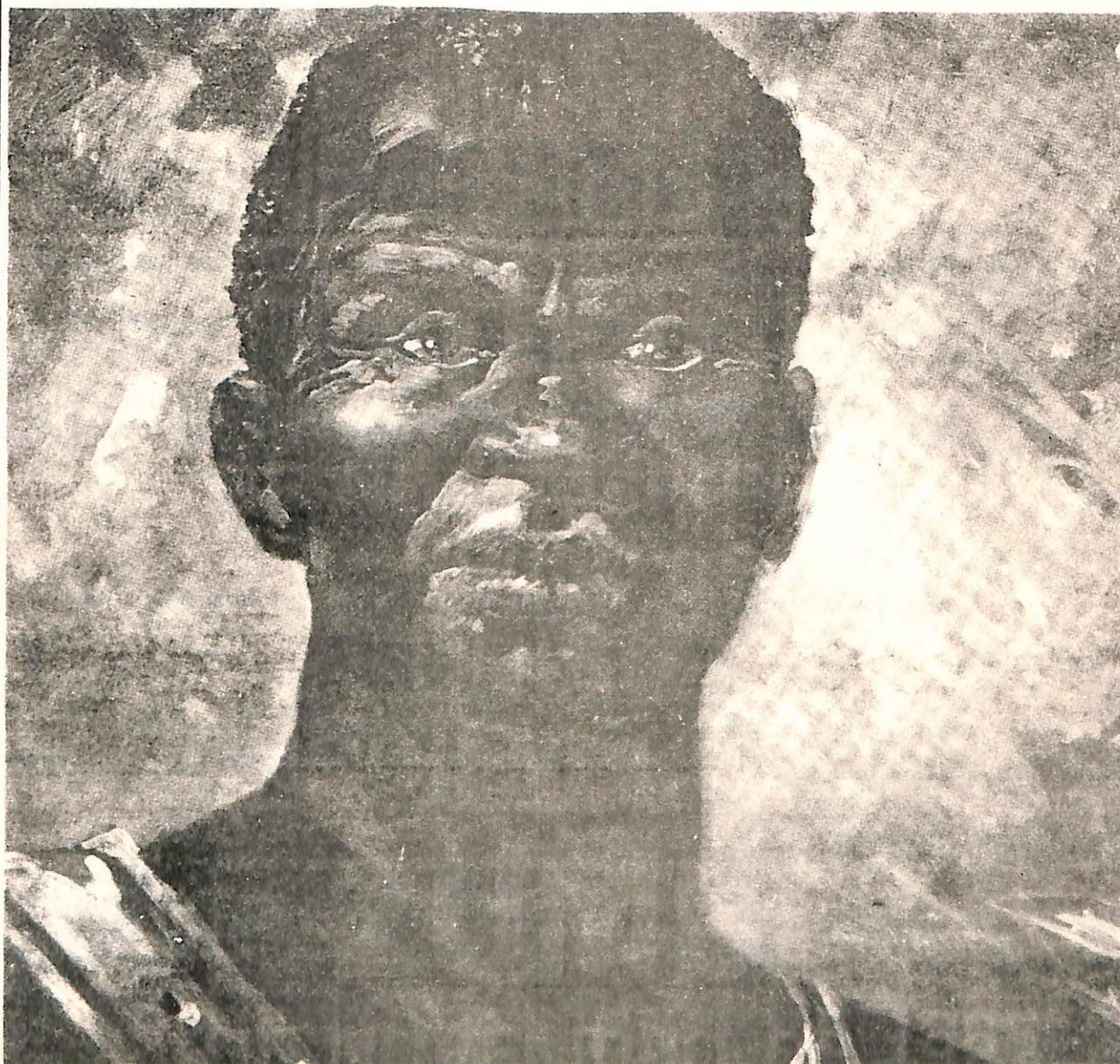


ZUMBI

20 DE NOVEMBRO DE 1982



GRUPO DE
UNIÃO E
CONSCIÊNCIA NEGRA

A B E R T U R A :

C A N T O : Ô B A H I A Ô

Ô Bahia ôôô Bahia ô (4 vezes)

Já é hora da gente pensar/ Numa forma de se libertar,
Esta luta vai muito longe/ Esta luta não pode parar.

Esta luta vai muito longe/ Esta luta não pode parar/ Ô Bahia ôôô Bahia ô (bis)

Quem tem boca fala a verdade/ Quem tem orelha precisa escutar,
Operário é o escravo de hoje/ A indústria é o canaviã - bis - refrão

O chicote açoitado no povo/ Esses cabras não querem parar
As correntes libertadoras/ Já começam a se formar - bis - refrão

M E N S A G E M : Uma parte da homilia de D. José Maria Pires

R E C I T A D O :

Estamos chegando dos ricos fogões
estamos chegando dos pobres bordéis,
da carne vendida nós somos,
viemos amar.

L A D O : 1 Estamos chegando das velhas senzalas,
estamos chegando das novas favelas,
das margens do mundo nós somos,
viemos dançar.

L A D O: 2 Estamos chegando dos trens dos subúrbios,
estamos chegando nos loucos pingentes,
com a vida entre os dentes chegamos,
viemos cantar.

Estamos chegando dos grandes estádios,
estamos chegando da escola de samba,
sambando a revolta chegamos,
viemos gingar.

L A D O: 1 Estamos chegando do ventre das Minas,
estamos chegando dos tristes mocambos,
dos gritos calados nós somos,
viemos cobrar

L A D O: 2 Estamos chegando da cruz dos Engenhos,
estamos sangrando a cruz do Batismo,
marcados a ferro nós fomos,
viemos gritar.

Estamos chegando do alto dos morros,
estamos chegando da lei da Baixada,
das covas sem nome chegamos
viemos clamar.

T O D O S: Estamos chegando do Chão dos Palmares
estamos chegando do som dos tambores
dos Novos Palmares nós somos,
viemos lutar.

PROFISSÕES DE FÉ:

DANÇA: O NEGRO NA ÁFRICA — O NEGRO HOJE

CANTO DAS TRÊS RAÇAS

Ninguém ouviu um soluçar de dor
no canto do Brasil
Um lamento triste sempre ecoou
desde que o índio guerreiro
foi pro cativo e lá cantou, cantou.
Negro ecoou, um canto de revolta pelos ares
no Quilombo dos Palmares onde se refugiou
fora a luta dos Inconfidentes

pela quebra das correntes
nada adiantou.
E de guerra em paz de paz em guerra
todo povo desta terra
quando pode cantar, canta de dor.

0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0

E acoo noite e dia
é ensurdecedor
ai mais que agonia
o canto do trabalhador
esse canto que devia
ser um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor.

0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0

PROFISSÕES DE FÉ:

A RESISTÊNCIA DO NEGRO ONTEM:

RECITADO:

L A D O: 1 Queimados de medo
- do medo da História--
os nossos arquivos.
Pusemos em branco
a nossa memória.

L A D O: 2 Cultura à margem.
Culto condenado.
Fé de freguesia.
Giro tolerado.
Revolta ignorada.
História mentida.
Aureas Leis enganadas
Da justiça branca

L A D O: 1 Ressaca dos Portos,
Harlem dos Impérios,
Apartheid em casa,
favela do mundo
Com "direito a enterro"
sem direito a vida.
Negro sem emprego
sem voz e sem vez,
sem direito a ser,
a ser e a ser Negro.

L A D O: 2 Cansado das raças,
os peitos quebrados.
Os peitos sugados
por filhos alheios,
senhores ingratos.
Bebês imolados
em fornos assados,
e aos senhores ofertados
por "Anas Paes" sinhas suspeitas.
De esposas trocadas
por escravas bonitas
se sentindo enciumadas.

L A D O: 1 Garçon de boteco
sombra de cozinha
mão de subemprego
carne de bordel...
Pixotes nas ruas
caçados nos morros
mortos no xadrez.
Negro embranquecido
pra sobreviver.
Branco enegrecido
para gozação
negro embranquecido
morto mansamente
pela integração.

PROFISSÕES DE FÊ:

TRIBUTO A MARTIN LUTHER KING:

Sim, sou um negro de cor
Meu irmão de minha cor
O que te peço é luta sim
Luta mais, que a luta está no fim

Cada negro que for,
Mais um negro virá
Para lutar com sangue ou não
Com uma canção, também se luta irmão
Ouvi minha voz, o o
Luta por nós

Luta negro é demais
É lutar pela paz
Luta negra é demais
Para sermos iguais

DESINTEGRAÇÃO SOCIAL DO NEGRO NO CONTEXTO ATUAL

NOSSA CONSCIENTIZAÇÃO: (Composição Grupo Burgo Paulista)

Precisamos, precisamos/ Nos encontrar e lutar/ lutar por nossos direitos e nos conscientizar.
Pois nos conscientizando/ nossa cor vamos aceitando/ quando nos chamar de negros
Vão estar nos agradando.
Esta é a nossa cor/ Negro e branco são igual/ Muitos não aceitam isso/E trata o negro como animal.
Por isso que estamos lutando/ Pra acabar com esta humilhação/ Pois aquele que é racista/ Vai entender que somos irmãos.
Entre branco e negro há racismo/ Só lutando prá melhorar/ TUDO É CULPA DE UM SISTEMA/
SÓ LUTANDO VAMOS ACABAR.

OFERTAS: Momento de Oferenda da NOSSA VIDA:

RECITADO:

L A D O: 1 Trazemos no corpo
o mel do suor,
trazemos nos olhos
a dança da vida
trazemos na luta, a Morte vencida.
No peito marcado trazemos o Amor.

L A D O: 2 Trazemos nos olhos,
as águas dos rios,
o brilho dos peixes,
a sombra da mata,
o orvalho da noite,
o espanto da caça,
a dança dos ventos,
a lua de prata,
trazendo nos olhos
O mundo, Senhor!

L A D O: 1 - Na palma das mãos trazemos o milho,
a cana cortada o branco algodão,
o fumo-resgate, a pinga-refúgio,
da carne da terra moldamos os potes
que guardam a água, a flor de alecrim,
no cheiro de incenso, erguemos o fruto
do nosso trabalho, Senhor! Olorum!

L A D O: 2 O som do atabaque
marcando a cadência
dos negros batuques
nas noites imensas
da África negra,
da negra Bahia,
das Minas Gerais,
os surdos lamentos,
calados tormentos,
acolhe Olorum!

L A D O: 1 A brasa dos ferros lavrou-nos na pele,
lavrou-nos na alma, caminhos de cruz,
recusa Olorum o grito, as correntes
e a voz do feitor, recebe o lamento,
acolhe a revolta dos negros, Senhor!

L A D O: 2 Trazemos no peito, os santos rosários,
rosários de penas, rosários de fé
na vida liberta, na paz dos quilombos de
negros e brancos
vermelhos no sangue,
A Nova Aruanda dos filhos do Povo
acolhe Olorum!

A MULHER NEGRA

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia/ uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar/ como outra qualquer do planeta

Maria, Maria
É o som, É a cor, É o suor / É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar/ E não vive apenas aguenta

Mas é preciso ter força / É preciso ter raça
É preciso ter garra sempre/ Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria
Mistura a dor e alegria / mas é preciso ter manha
É preciso ter graça / É preciso ter sonho sempre
Quem traz no corpo esta marca / Possui a estranha mania
De ter fé na vida.

OS QUILOMBOS ONTEM:

Ei Zumbi/ Zumbi Ganga meu rei/Você não morreu/Você está em mim (refrão) Bis
Ei Zumbi/seu povo não esqueceu/ a luta que você/ /deixou pra prosseguir
Ei Zumbi/ os novos Quilombos/com seus Quilombolas/lutam pra resistir

REFRÃO

Ei Zumbi/ seu sangue semeou/coragem em nossa gente/que luta com fervor
Ei Zumbi/ a luta é a mesma/mudou só o cenário/a roupa e a cor

REFRÃO

Ei Zumbi/nossa terra fértil/outros como você/também tomaram ao chão
Ei Zumbi/ e muitos tombarão/enquanto houver luta/pela libertação.

ZUMBI - ONTEM:

ZUMBI - HOJE:

COLOCAÇÃO DA CAMINHADA DO GRUPO:

SOMOS OS NOVOS QUILOMBOS:

MARCHA FINAL:

Banzo da terra que será nossa
Banzo de todos na liberdade
Banzo da vida que vai ser outra
Banzo do reino, maior saudade
Saudade em luta do amanhã
Vontade da Aruanda que um dia virá

Trancados na noite, milênios afora
Forçamos agora,
As portas do dia
Faremos um povo de igual rebeldia
Faremos um povo de Bantus iguais
Faremos de todos os lares
Fraternas Senzalas, sem mais
Faremos a negra utopia
Do novo Palmares.

Os negros da África
Os afros da América
Os negros do mundo
Na aliança com todos os pobres da terra
Seremos o Povo dos Povos
Povo resgatado
Povo Aquilombado
Livre de Senhores,
De ninguém escravo
Senhores de nós

Sendo negro o negro
Sendo índio o índio
Sendo cada um
Como nos tem feito
A Mão de Olorum.

Seremos Zumbis, construtores
Dos novos Quilombos queridos
Nos muros Remidos
Da nossa cidade
Nós campos por fim repartidos

Teremos a cor da igualdade
 Seremos a exata medida
 Da humana feliz dignidade
 Os prantos , os gritos unidos num canto
 de irmãos corações.
 Na luta e na festa ao ano inteiro
 Seremos Bandeira
 Seremos foliões.

E à espera do nosso Quilombo total
 o alto quilombo dos céus
 os braços erguidos, os povos unidos
 serão a muralha ao medo e ao mal
 Serão valhacouto da aurora despertar
 nos olhos do povo
 da terra liberta
 No Quilombo Novo!

Berimbaus marcarão o pé,
 O pé Quilombola do novo toré
 Pela terra inteira
 Juntos dançaremos
 NOSSA CAPOEIRA !

Para não dizer que não falei de flores

Caminhando e cantando e seguindo a canção
 Somos todos iguais braços dados ou não
 Nas escolas, nas ruas campos construções
 Caminhando e cantando e seguindo a canção.

Vem vamos embora que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora não espera acontecer

Pelos Campos há fome , em grandes plantações
 Pelas ruas marchando, indecisos cordões
 Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
 E acreditam nas flores vencendo o canhão.

Há soldados armados, amados ou não
 quase todos perdidos de armas na mão
 Nos quartéis lhes ensina a antiga lição
 De morrer p/ Pátria e viver sem razão

Nas escolas nas ruas campos construções
 Somos todos iguais braços dados ou não
 Caminhando e cantando e seguindo a canção
 Somos todos soldados armados amados ou não.

Os amores na mente as flores no chão
 A certeza na frente a história na mão
 Aprendendo e ensinando uma nova lição
 Caminhando e cantando e seguindo a canção.

Maria Elvira Rocha
 Av. Ipiranga, 1267
 1º andar
 01039 - S. Paulo. Brasil